

## Introdução

Humanidades Digitais e Diversidade Cultural:  
Aproximações Críticas e Comparativas

**Santiago Pérez Isasi**

Universidade de Lisboa

[santiagoperez@campus.ul.pt](mailto:santiagoperez@campus.ul.pt)

ORCID: 0000-0002-9548-4655

**Patricia Murrieta-Flores**

Lancaster University

[p.murrieta@lancaster.ac.uk](mailto:p.murrieta@lancaster.ac.uk)

ORCID: 0000-0001-9904-0288

Desde os seus primeiros passos como *Humanities Computing*, as Humanidades Digitais atravessaram diferentes etapas e transformações: após uma fase inicial de projectos individuais ou de pequena escala, e uma segunda marcada pela colaboração, a digitalização maciça, a standardização e a aparição do conceito de *big data*, podemos estar neste momento a assistir ao que Andreas Fickers denomina “vaga reflexiva” das Humanidades Digitais. De facto, apesar de existir, desde os seus primeiros anos, uma corrente de pensamento crítico no seio das Humanidades Digitais (veja-se, por exemplo, a série de volumes *Debates in the Digital Humanities*), a reflexão sobre os alicerces epistemológicos, a configuração geopolítica ou as implicações ideológicas da disciplina tornaram-se particularmente visíveis nos últimos anos.

Um dos aspetos que ainda carecem de uma particular atenção crítica é a relação (e, muitas vezes, a ausência de relação) das Humanidades Digitais com o Comparatismo, isto é, com uma conceptualização transnacional, diversa e relacional da cultura. Em primeiro lugar, porque as HD continuam a ser definidas e dominadas pelo Norte geopolítico, e particularmente pelo eixo académico anglocêntrico, o que limita e condiciona os seus objectos, interesses e metodologias. Procurando contrariar esta tendência, os últimos anos testemunharam o desenvolvimento das “Humanidades Digitais do Sul” (Fiormonte e Sordi 2019), através da criação de redes alternativas (tais como DHARTI, REDHD, DHASA) ou de publicações como *Las Humanidades Digitales en América Latina* (no prelo) ou *Mapping Digital Humanities in India* (Sneha 2016).

Em segundo lugar (e de forma paradoxal, dada a sua natureza transnacional e colaborativa), as HD adotaram ou herdaram em muitos casos um marco de trabalho nacional ou monolíngue, tanto em relação aos seus objectos como às suas metodologias. Esta tendência é visível tanto na configuração de muitas associações de HD que se definem por limites linguísticos ou geopolíticos (e.g. Humanidades Digitales Hispánicas, Canadian Society for Digital Humanities, European Association for Digital Humanities...), quanto na conceptualização da maioria dos projectos de HD, localizados num único âmbito linguístico ou cultural. Isto poderia responder, pelo menos parcialmente, a condicionamentos técnicos (pois cada língua e cada cultura possuem os seus próprios dicionário, gramática, arquivo, etc.); mas poderia também derivar de inércias científicas herdadas pelas Humanidades Digitais das Humanidades em geral. Apesar de um conjunto de esforços importantes (veja-se, por exemplo, Horvarth 2021; Spence & Brandão 2021; Raynor 2021), há ainda uma clara falta de projectos que explorem as potencialidades comparativas, relacionais ou transnacionais das HD, ou que trabalhem com arquivos multilingues ou multiculturais.

Por último, a maioria dos desenvolvimentos tecnológicos reflectem uma visão ocidental/europeia do mundo, e as ferramentas e os métodos computacionais, especialmente aqueles relacionados com a Inteligência Artificial, foram tradicionalmente desenvolvidos e treinados com línguas e materiais europeus modernos. Cosmologias subalternas foram, portanto, raramente integradas nos modelos ontológicos, nos marcos conceptuais digitais ou nos métodos e desenvolvimentos tecnológicos. De facto, propostas *bottom-up* que integrem as vozes e as visões dessas comunidades raramente estão presentes nas HD.

Neste contexto, parece particularmente preciso aprofundar os debates e as reflexões críticas no âmbito das Humanidades Digitais, em vários âmbitos: na reflexão sobre as suas bases epistemológicas, sobre os seus condicionamentos relacionados com a geopolítica global do conhecimento, e sobre as desigualdades que cria ou perpetua através das suas instituições, redes e infraestruturas; na visibilização de projectos que ultrapassam as fronteiras nacionais ou linguísticas e utilizam ferramentas digitais para desenvolver metodologias comparatistas e estudar objectos multilingues e multiculturais; ou no trabalho que as Humanidades Digitais estão (ou não) a fazer para ajudar na recuperação, manutenção do património cultural e histórico ameaçado em diversos lugares do mundo. Os artigos, entrevistas e recensões contidas neste número especial tentam contribuir para um debate crítico nestes três eixos fundamentais, combinando, também, textos em três línguas diferentes e com objectos de estudo de diversas literaturas, culturas e artes da Península Ibérica.

Assim, este número abre-se com uma importante reflexão teórica sobre os fundamentos do próprio campo. Na sua contribuição (publicada anteriormente em espanhol e agora traduzida para o português), “Uma vez mais sobre os suís das Digital Humanities”, Gimena del Río Riande e Domenico Fiorimonte apresentam uma visão crítica do campo e questionam os seus paradigmas, enviesados pelas perspectivas geopolíticas dominantes, que produzem desigualdades na investigação global. Assim, colocam em questão as etiquetas e narrativas comumente associadas aos discursos das HD, e defendem um enfoque mais inclusivo, diverso e globalmente consciente. O artigo convida o leitor a reflectir sobre a geopolítica do conhecimento, isto é, a não-neutralidade do campo das HD, cuja produção reproduz frequentemente as perspectivas dominantes promovidas desde os anglo-centros. Os autores fazem uma relevante revisão crítica de conceitos frequentemente utilizados, como “Global South”, que categorizam e igualam experiências diversas desde uma perspectiva emanada do Norte. O artigo faz ainda um necessário apelo, através do conceito de Sul anti-imperial, a aproximar-se, não só geográfica mas epistemologicamente, às vastas experiências partilhadas pelos territórios historicamente envolvidos na luta contra o capitalismo, o colonialismo ou o patriarcado. Os autores destacam também as disparidades na produção e no reconhecimento da investigação em HD. A sua análise demonstra que os investigadores de certas regiões ou instituições são privilegiados pelas formas hegemónicas herdadas, que se reproduzem tanto na tecnologia utilizada como na produção de conhecimento.

O número continua com uma detalhada exploração prática de diferentes projectos no âmbito das HD, com perspectiva multilingue ou comparatistas. Na seguinte contribuição, “Numerar a Letra Ibérica”, Andresa Fresta Marques, Ariadne Nunes e José Camões mostram como aproximações baseadas em HD podem servir para a preservação, disseminação e análise do teatro ibérico. Os autores assinalam a importância de um património literário que ultrapassa fronteiras nacionais, o que permite uma análise comparativa entre formas dramáticas espanholas e portuguesas (e potencialmente americanas). O projecto redefine o cânone do teatro breve, ao descobrir e preservar novos textos e ao estabelecer entre eles relações até agora inadvertidas. Como resultado, contribui para uma nova percepção da identidade cultural ibérica, e opera na intersecção entre os Estudos Ibéricos e os

Estudos de Tradução, proporcionando dados benéficos para ambos campos. Ao colocar no centro o papel das plataformas *online* para a conservação e comparação das diferentes versões das obras, os autores oferecem uma aproximação cuidadosa e reflexiva aos processos envolvidos na tradução de *entremezes* entre o espanhol e o português.

Continuando com aplicações literárias das ferramentas digitais, no seu artigo “Representación digital del Romancero de Almeida Garrett: Cuestiones de marcación estructural”, Sandra Boto e Bruno Ministro reflexionam sobre o seu trabalho no processo editorial da obra de Garrett, assim como sobre as limitações e oportunidades que apresentam as edições digitais, em comparação com as edições em papel. Os autores argumentam que a mudança ao paradigma digital requer uma cuidadosa avaliação e a tomada de decisões relativamente às opções de apresentação e às ferramentas mais adequadas para os objectivos editoriais, tendo também em conta os requisitos de compatibilidade. No seu texto, os autores descrevem e avaliam a utilização da ferramenta Edition Visualization Technology 2, criada especificamente para a elaboração de edições digitais a partir de textos codificados em XML. O artigo destaca a relevância do tratamento filológico dos textos, e a sua capacidade para iluminar a natureza multimodal dos suportes digitais, o que permite reavaliar os conhecimentos sobre a cultura impressa ou manuscrita. Os autores relembram também a importância de reconsiderar os enfoques editoriais tradicionais e encontrar um equilíbrio com processos (semi)automatizados, sempre a partir dos conhecimentos filológicos e de uma proposta humanista das HD.

No seu artigo “Crear una colección digital de prensa para el estudio de las relaciones culturales ibéricas”, Rosario Mascato Rey e Gonçalo Cordeiro exploram as fronteiras na utilização de ferramentas digitais de livre acesso para a criação de um corpus de imprensa dedicado ao estudo das relações culturais ibéricas entre 1920 e 1936. Os autores propõem uma reflexão sobre a importância do estudo da imprensa para contextualizar as relações culturais na Península Ibérica na época moderna, e relatam tanto a sua experiência na criação do corpus como as decisões tomadas na metodologia do projecto. A exploração, por parte dos autores, de diversas ferramentas digitais e a sua aplicação prática na gestão e publicação de dados sublinha o papel fundamental dos recursos digitais na investigação em Humanidades. O seu trabalho contribui para um discurso mais alargado sobre as Humanidades Digitais, os Estudos Culturais e a utilização de ferramentas de código aberto na investigação académica.

Finalmente, o artigo de Antonio Manuel Cuaresma Maestre, “Las Humanidades Digitales aplicadas a la catalogación y conservación del patrimonio mural”, oferece-nos um exemplo da adopção, cada vez mais alargada, de sistemas de gestão de conteúdo como Omeka, para a apresentação e o acesso ao património cultural. Neste caso, esta ferramenta aplica-se ao estudo da pintura mural na comarca da Sierra de Huelva na Andalucía. O artigo destaca a falta de uma investigação integral sobre a região, e busca oferecer uma solução digital que possa eventualmente culminar numa análise unificada dos numerosos exemplos pictóricos da comarca. O autor propõe que tratar o fenómeno de forma conjunta, e aplicar um modelo de base de dados documental ou textual, pode abrir novas perspectivas sobre o objecto de estudo. Dado que se trata de uma investigação ainda em

desenvolvimento, o artigo menciona a necessidade de considerar o modelo dos dados utilizado e levar a cabo novos trabalhos de campo que permitam verificar e ampliar a informação já recolhida.

O número inclui, também, três entrevistas relacionadas com diferentes perspectivas do tema abordado. Na primeira destas entrevistas, Daniel Alves oferece uma visão pessoal do desenvolvimento das HD em Portugal, assim como sobre os desafios e oportunidades do campo, insistindo ainda na importância da cooperação, a interdisciplinariedade e o diálogo transnacional para alcançar maior igualdade e diversidade neste campo. Na segunda entrevista, Andreas Fickers leva-nos num *tour* da sua trajetória pessoal e das HD no Luxemburgo, e defende a necessidade de pensamento crítico no campo, reflectindo sobre as implicações epistemológicas e geopolíticas das ferramentas digitais. Sublinha ainda a importância de incorporar conhecimentos não ocidentais nos projectos digitais, fomentando o multilinguismo e partilhando ferramentas e dados em plataformas de acesso aberto. Em terceiro e último lugar, oferecemos uma aproximação ao Laboratorio Popular de Medios Libres (<https://laboratoriomedios.org/>), sedado no México. Esta importante iniciativa abre o caminho do conhecimento e das tecnologias livres em diferentes comunidades de América latina, focando-se principalmente no trabalho com comunidades originárias.

Por último, as duas resenhas com que se fecha o número especial apontam também em duas das linhas essenciais que vertebram este número. *Global Debates in the Digital Humanities*, volume editado por Domenico Fiormonte, Sukanta Chaudhuri e Paola Ricaurte, resenhado por Shanmugapriya T, representa uma publicação pioneira pela sua proposta de uma releitura geopolítica do desenvolvimento das Humanidades Digitais, e pela sua configuração e conceptualização verdadeiramente global. Já *Towards the Digital Cultural History of the Other Silver Age Spain*, editado por Dolores Romero López y Jeffrey Zamostny, e resenhado por Guadalupe Nieto Caballero, oferece um exemplo de aplicação de diferentes tecnologias digitais a um espaço e a uma época específicas, para recuperar vozes, textos ou géneros textuais excluídos da historiografia estabelecida.

## Referências

*Debates in the Digital Humanities*. URL <https://dhdebates.gc.cuny.edu/> Acedido a 27 de Julho de 2023.

FIORMONTE, Domenico e Paolo SORDI (2019). “Humanidades digitais do sul e GAFAM. Para uma geopolítica do conhecimento digital”. *Liinc em Revista*, 15 (1). DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v15i1.4730>. Acedido a 27 de Julho de 2023.

HORVATH, Aliz (2021). “Enhancing Language Inclusivity in Digital Humanities: Towards Sensitivity and Multilingualism: Includes interviews with Erzsébet Tóth-Czifra and Cosima Wagner”. *Modern Languages Open*, 0 (1), pp. 1-21. DOI: <http://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.382> Acedido a 27 de Julho de 2023.

*Humanidades Digitales en América Latina, Las* (no prelo). Facultad de Artes y Humanidades

de la Universidad de los Andes.

RAYNOR, Cecily (2021): “Embedding Multilingualism”. *Journal of Cultural Analytics*. Disponível em <<https://culturalanalytics.org/post/1157-embedding-multilingualism>>. Acedido a 27 de Julho de 2023.

SNEHA, P. P. (2016): *Mapping Digital Humanities in India*. CIS Papers.

SPENCE, Paul e Renata BRANDÃO (2021). “Towards Language Sensitivity and Diversity in the Digital Humanities”, *Digital Studies / Le champ numérique*, 11 (1), pp. 1-29. DOI: <https://doi.org/10.16995/dscn.8098> Acedido a 27 de Julho de 2023.

**Santiago Pérez Isasi** é Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e investigador do Centro de Estudos Comparatistas dessa mesma Faculdade, no qual é responsável pela Iniciativa CECOMP-Humanidades Digitais. As suas áreas de investigação principais são os Estudos Ibéricos, a historiografia literária e as Humanidades Digitais. Foi entre 2018 e 2020 o IP do projecto *Mapa Digital das Relações Literárias Ibéricas (1870-1930)*, e co-dirige o projecto *IStReS – Iberian Studies Reference Site*, junto com Esther Gimeno Ugalde, com quem também co-edita a *International Journal of Iberian Studies*.

**Patricia Murrieta Flores** é Catedrática em Humanidades Digitais e co-directora do [Digital Humanities Centre](#) em Lancaster University, UK. O seu interesse de investigação principal é a aplicação da tecnologia às Humanidades, e particularmente às Humanidades Espaciais. É IP do projecto *Digging into Early Colonial Mexico: A large-scale computational analysis of 16th century historical sources*, financiado pela Transatlantic Platform (T-AP), e colaboradora e co-directora de outros projectos financiados por ERC, ESRC, AHRC, HERA, ou do Paul Mellon Centre, entre outros. Editou e colaborou em numerosas publicações sobre Humanidades Digitais, património cultural, o uso dos GIS e outras tecnologias em Arqueologia, História e Literatura, e publicou também numerosos artigos sobre as teorias e metodologias associadas com os conceitos de espaço e lugar.

© 2023 Santiago Pérez Isasi, Patricia Murrieta Flores

Licensed under the [Creative Commons Attribution 4.0 International \(CC BY 4.0\)](#).